

# Parenética na Igreja do Loreto: os sermões em honra dos Sumos Pontífices (séculos XVII-XVIII)

*Parenetic in the Church of the Loreto: the sermons in honor of the Supreme Pontiffs (XVII-XVIII centuries)*

**ISABEL DRUMOND BRAGA**

Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras e CIDEHUS-UE  
isabeldrumondbraga@hotmail.com

Texto recebido em / Text submitted on: 18/04/2018

Texto aprovado em / Text approved on: 16/05/2018

**Resumo.** As cerimónias por ocasião das exéquias e das eleições papais deram origem à pregação de sermões na igreja de Nossa Senhora do Loreto, de Lisboa. Partindo desse corpo parenético pretende avaliar-se de que modo a parénese constitui um momento de reflexão e uma abordagem de teoria política.

**Palavras-chave.** Igreja do Loreto, Lisboa, Papado, Sermões.

**Abstract.** The ceremonies on the occasion of the funeral and the papal elections gave rise to the preaching of sermons in the church of Our Lady of Loreto, in Lisbon. Using this parenetic corpus, we will try to evaluate how the sermons constitute a moment of reflection and an approach of political theory.

**Keywords.** Loreto church, Lisbon, Papacy, Sermons.

1. A colónia italiana em Lisboa, ou mais corretamente, a presença significativa de pessoas oriundas da península itálica, motivou a criação de estruturas de apoio à comunidade<sup>1</sup>, as quais se tornaram claras, por exemplo, com a ereção da igreja de Nossa Senhora do Loreto, cuja construção teve início em 1518. Provenientes de vários pontos do espaço que no século XIX se unificou sob a designação de Itália, foram chegando a Portugal pessoas de estatutos sociais diversificados e por diversos motivos, em especial,

<sup>1</sup> As realidades políticas e religiosas da Europa Moderna implicaram uma instabilidade fronteiriça sem paralelo em Portugal, um dos primeiros Reinos a definir claramente as suas fronteiras. Territórios que foram sendo anexados ou que se desmembraram foram uma constante por toda a Europa. A existência de espaços como o Sacro Império Romano-Germânico, o nascimento dos Países Baixos, o agrupamento de diversos Reinos sob a mesma monarquia, ou a tardia unificação da Itália, com Vítor Manuel I (1861), implicam a necessidade de ponderar as corretas designações destes povos. Assim, no que se refere à Península Itálica, na Época Moderna, não devemos referir Italianos mas sim Genoveses, Florentinos, Milanese, Venezianos, Napolitanos, Sicilianos e outros mas torna-se evidente que, para uma maior comodidade de exposição, se utiliza a designação genérica: Italianos. Isto é, a Península Itálica, realidade geográfica mas não política, era constituída por diversos territórios independentes e rivais, a par de outros que foram pertença ou objeto de disputa entre a França e o Império. Isto significa que o termo "Italianos" constitui uma designação abusiva, que esconde diferenças substanciais, mas que se utiliza por comodidade. Sobre as divisões internas deste espaço e a consciência dos contemporâneos dos acontecimentos cf. Moreno 1984.

sobretudo a partir do século XV. As principais justificações para se instalarem em Portugal encontram-se na necessidade sentida no reino de artífices e de gente ligada à guerra e também no interesse despertado pelo comércio e pelos Descobrimentos, entre os súbditos de outros Reinos<sup>2</sup>. Na guerra, no comércio e nos ofícios, os estrangeiros e designadamente os Italianos conviveram com os Portugueses, nem sempre de modo pacífico<sup>3</sup>.

Tendo-se verificado, desde cedo, a abertura dos portos portugueses à navegação italiana, rapidamente foi possível criar bases para uma colaboração intensa e diversificada, traduzida na afluência de mercadores provenientes de diversas zonas e também no estabelecimento de casas comerciais (Verlinden 1957, Rau 1968, 1971, 1973, 1984, Rosário 1983, Fonseca 1989, Cardini 1991, Radulet 1991, 1992, Santos 1994, Oliveira 2000). As questões relativas aos Descobrimentos portugueses foram seguidas de perto, em determinadas zonas da Península Itálica, mormente em Veneza e em Roma. As influências culturais de Itália foram marcantes, sobretudo ao nível da formação intelectual de muitos estudantes e ainda dos contactos com o humanismo e a arte transalpinos. Com Roma, os contactos foram anteriores e muito próximos, desde a formação do Reino. As embaixadas e os contactos com aquela cidade mantiveram-se de forma regular, sendo o leque de assuntos tratados tão diversos como as divisões administrativas eclesiásticas, a apresentações de bispos, a instauração de novas ordens religiosas e a participação portuguesa no Concílio de Trento, para não referir contendas pontuais e negociações que se arrastaram conhecendo avanços e recuos, como por exemplo as que foram relativas ao estabelecimento do Santo Ofício da Inquisição (Castro 1939, Wright 2000, Russo 2012).

Não foram numericamente muito significativas as alianças matrimoniais estabelecidas entre Portugal e os estados italianos. Se bem que tenham começado com o primeiro monarca português – D. Afonso Henriques casou com D. Mafalda, filha do conde de Saboia, em 1146 (Ercole 1940, Corte-Real 1997, Marques 2012, Marques 2012<sup>a</sup>) – será só no século XVI que se voltará a tal prática, nomeadamente com os enlances de D. Beatriz, filha de D. Manuel I, com o duque de Saboia, Carlos III, em 1521 (Claretta 1863, Viterbo 1908, São Payo 1930, Buescu 2012) e o de D. Maria, filha do infante D. Duarte e neta do mesmo monarca português, com Alexandre Farnese, duque de Parma, em 1565 (Fardilha 1999, Bertini, 1999, Bertini 2000, Bertini, Jordan 1999, Jordan

---

<sup>2</sup> Sobre os estrangeiros em Portugal faltam estudos de conjunto. Para uma introdução ao tema veja-se, para a Idade Média, Marques 1987: 40-44, e para a Época Moderna, Braga 1998: 232-237; Braga 2002.

<sup>3</sup> Basta pensar nas questões patentes nas cartas de perdão e nos processos do Santo Ofício, documentos que não raramente evidenciam enorme conflituosidade entre as populações. Cf., respetivamente, Braga 1998, Braga 1996, 2002, 2015a.

2000). No período pós Restauração, será D. Maria Francisca Isabel de Saboia a contrair matrimónio primeiro com D. Afonso VI, em 1666, e, posteriormente, em 1668, com o antigo cunhado, D. Pedro, futuro D. Pedro II, num contexto de grande instabilidade política (Braga, Braga 2011, Braga 2012a).



**Fig. 1.** Armas papais no portal principal da igreja de Nossa Senhora do Loreto (Lisboa). A escultura foi realizada no século XVII e limpa depois do terramoto de 1755. Tem sido atribuída a diversos escultores, tais como Bernini, Borromini, Canova e Bigg, sem que haja consenso. Foto de IDB.

A nação italiana foi crescendo de tal modo que, no século XVI, sentiu necessidade de construir uma igreja paroquial própria em Lisboa. Teve uma confraria obrigatoriamente administrada por transalpinos e Lucas Giraldi, um mercador florentino residente em Lisboa, pagou a construção da capela-mor (Alessandrini 2007, 2011, 2018a). A igreja de Nossa Senhora do Loreto, construída junto da cerca fernandina, abriu ao culto em 1522. Havia conseguido, logo em 1518, a isenção jurisdicional do bispo de Lisboa e, em 1551, foi constituída sede de freguesia, com jurisdição paroquial sobre todos os italianos residentes em Lisboa. Antes, já fora eclesiasticamente anexa a San Giovanni in Laterano, a matriz papal. A paróquia da nação italiana persistiu até 1698, data em que foi integrada na de Nossa Senhora da Encarnação. Um incêndio em 1651 destruiu uma parte significativa do templo, que sofrerá, no século seguinte, um novo fogo, ocorrido dois dias após o terramoto de 1755<sup>4</sup>.

Dos púlpitos desta igreja apenas encontramos referências relativas às obras que sofreram na segunda metade do século XVIII, as quais foram confiadas pelo provedor a Domingos Baptista Lima, que recebeu do tesoureiro António Murta 280\$000 réis, em 17 de agosto de 1780. Nos móveis litúrgicos foram

<sup>4</sup> A bibliografia sobre a igreja não é particularmente vasta. Refiram-se, por ordem cronológica, os trabalhos seguintes, uns focados na história da igreja propriamente dita, outros com ênfase especial nas matérias de história da arte ligadas à construção do templo. Cf. Igreja do Loreto 1957; Ataíde, Meco 1986, Filippi 2013, Alessandrini 2007, 2018a, 2018b e Serrão 2018.

gastos, de entre outros bens, uma viga de castanho, uma prancha de vinhático e dois arráteis de grude (ANSL, ISSIL, HI, Mç Ca II D, doc. 2). A madeira foi vendida por Inácio Damásio de Aguiar a pedido de Francesco Maria Rossi (Filippi 2013: 121).



Fig. 2. Imagem atual de um dos púlpitos da igreja de Nossa Senhora do Loreto, em Lisboa. Foto de IDB.

2. É na igreja de Nossa Senhora do Loreto que a comunidade italiana irá celebrar diversos momentos relacionados com o Papado, designadamente as subidas ao trono e as mortes dos pontífices. Estas duas ocasiões motivaram sempre o recurso à parenética, embora poucos tenham sido os sermões publicados que chegaram até ao presente, o que não exclui a existência de alguma produção manuscrita eventualmente conservada ou integralmente desaparecida. Tenhamos presente que era comum a publicação de sermões<sup>5</sup>, quer avulsos quer em conjunto, o que poderia traduzir não só o interesse por este tipo de textos entre a população culta como, e sobretudo, ser entendido como sintoma de crise e de alteração política (Marques 1998: 162). Por outro lado, essas publicações, de custo acessível, não deixavam de ser procuradas pelos próprios pregadores que assim se muniam de exemplos de fácil imitação. Se tivermos em conta os anúncios de livros aparecidos na *Gazeta de Lisboa*, entre 1715 e 1750, podemos verificar que das 2094 obras a que o periódico fez

referência 224 eram sermões (entre espécimes avulsos e sermonários), o que representou 18,3 por cento dos livros de temática religiosa e 10,7 por cento do total das obras publicitadas (Braga 2001).

A pregação ultrapassava a área espiritual e religiosa, havendo que distinguir as prédicas das ações missionárias, evangélicas e penitenciais destinadas a pessoas pouco catequizadas e analfabetas e a oratória culta, cidadina, cortesã, de carácter mais político, a qual estava muitas vezes a cargo do pregador

<sup>5</sup> Vejam-se alguns estudos sob a ótica da literatura sobre os sermões portugueses dos séculos XVI e XVII, tais como os de Pontes 1953, 1961, Mendes 1989, Castro 2008, Pereira 2012, de entre outros.

régio, um profissional preparado para desempenhar tais funções<sup>6</sup>. O sermão enquanto instrumento de utilidade catequética ou política era um importante meio de propaganda e de ataque, daí o interesse em ser publicado, uma vez que assim chegava também aos que o não tinham ouvido<sup>7</sup>. O conteúdo dos sermões continuava, deste modo, a ser objeto de discussão por parte dos leitores cultos. A parenética era, nas palavras de alguns (Bolzoni 1984: 1065), um elemento da vida social e um sucedâneo da educação doutrinal (di Filippo 2008: 337).

Não esqueçamos que o sermão integrou um dos mecanismos pedagógicos de disciplinamento social<sup>8</sup>. Na verdade, se tivermos em conta o posicionamento de Erminia Ardissimo, que defende a educação dos fiéis como o mais ambicioso projeto da Igreja após o Concílio de Trento, não poderemos estranhar que a pregação tenha assumido um papel relevante. Nela se depositaram esperanças de renovação da vida espiritual e, para tal objetivo ser atingido, recorreu-se aos instrumentos de persuasão clássicos, humanísticos e até os que eram produtos da nova cultura. A oratória permitiu, assim, dar ordem e certeza ao mundo e coerência ao dogma. Se excetuarmos a confissão e a catequese, era o único meio de ouvir a palavra de Deus em língua vulgar, conseqüentemente uma poderosa arma para a conquista da mente e uma importante via de formação da consciência e da espiritualidade dos fiéis (Ardissimo 2001: 10-17).

João Francisco Marques tipificou a parenética, considerando a pregação ordinária ou pastoral, de carácter pedagógico, dirigida à educação para a fé, que estava a cargo de bispos e párocos no exercício das suas atividades de pastores e que tinha como subgéneros o sermão catequético e o sermão homilético e a pregação extraordinária que compreendia o sermão propriamente dito com os subgéneros: encomiástico (panegírico e oração fúnebre), deprecatório (prece), eucarístico (ação de graças) e gratulatório (regozijo) (Marques 2001: 471). Ora, as homilias, as missões do interior, as exéquias, as ações de graças, os panegíricos dos santos e da Virgem, as canonizações, os aniversários da fundação de casas conventuais, as tomadas de hábito, os autos da fé, as procissões de resgate de cativos, os atentados a grandes figuras, as várias efemérides relativas à família real e bem assim todas as festas religiosas e litúrgicas, davam origem a sermões, o que explica a abundância deste tipo

---

<sup>6</sup> Sobre os diferentes tipos, cf. Ambrasi 1996: 347-389 e Marques 2001: 470-510.

<sup>7</sup> É importante realçar essa realidade para os sermões pregados em conjunturas políticas adversas. Para Portugal, vejam-se os trabalhos de Marques 1986, Marques, 1989.

<sup>8</sup> Sobre este conceito, cf. Schulze 1992, Reinhard, 1994, Schilling, 1994, 2007, Prosperi, 1994, Prosperi 1996, Palomo 1997, Brambilla 2006.

de textos, muitos dos quais tiveram honras de impressão, em especial durante os séculos XVII e XVIII<sup>9</sup>, o que não deve fazer esquecer a significativa, abundante e muito dispersa produção concionatória manuscrita.

Apesar das preocupações e das exigências com a formação dos pregadores, da vigilância exercida sobre os mesmos e até do castigo de alguns prevaricadores e, não obstante, a regulamentação das matérias e das formas de levar a efeito a parénese, incluindo as indicações sobre as fontes autorizadas – as Sagradas Escrituras, os comentários bíblicos, os Padres da Igreja e alguns textos de espiritualidade –, e tudo o que deveria ser obrigatoriamente banido – anedotas, fábulas, historietas humanas e até disputas sobre heresias mesmo que com o fim de as combater<sup>10</sup> – as fontes indiciam interpretações claras e interpretações erróneas por parte dos fiéis, muitas vezes bastante ignorantes mas nem sempre isentos de alguma argúcia intelectual<sup>11</sup>.

Se, como Federico Palomo chamou a atenção, a parenética estava sobretudo vocacionada para a difusão dos princípios doutrinários e morais da Igreja, também é certo que as questões políticas não ficavam alheias aos pregadores, constituindo uma arma valiosa que poderia encaminhar as populações num determinado sentido. O debate sobre a governação, a *res publica* e a imagem da monarquia nunca foram os principais objetivos da parenética (Palomo 2006: 78) mas acabaram por estar presentes, fortalecendo a imagem da Coroa. Não esqueçamos que os sermões foram um discurso ao serviço do poder real e, simultaneamente, utilizado pelo mesmo poder até porque alguns dos seus autores eram pregadores régios, consequentemente estavam ao serviço da monarquia<sup>12</sup>. É neste quadro que se pretende analisar e interpretar a parenética pregada por ocasião das eleições e das exéquias dos pontífices – consequentemente sermões gratulatórios, pregados em momentos de regozijo, e sermões encomiásticos, no caso das orações fúnebres –, tentando perceber se esta parénese veicula o mesmo tipo de discurso que era comum nas cerimónias do poder real, uma vez que, neste contexto, estamos perante a figura máxima da igreja católica.

A partir das existências da Biblioteca Nacional de Portugal, podemos

---

<sup>9</sup> Alguns destes tipos de sermões deram origem a trabalhos da autoria de historiadores. Sobre sermões por ocasião de resgates, cf. Braga 2012. Sobre sermões de autos da fé e acerca de matérias relativas ao Santo Ofício, cf. Pires 1996, Oliwa 2011, Braga 2015, 2017 e Braga, Braga 2017. Sobre sermões no ato de profissão de freiras, cf. Braga 2013. Sobre sermões por ocasião de atentados, cf. Braga 2015b.

<sup>10</sup> Sobre estas questões, cf. Marques 2001: 486.

<sup>11</sup> Encontram-se exemplos bem documentados destas questões. Cf. Braga, 1997: 327, Marques 2001, 488 e Paiva 2009: 42-43.

<sup>12</sup> Sobre os sermões pregados por ocasiões relevantes para a família real, cf. Griné 1997, Petey-Girard 2006, Braga 2015c, 2015d.

verificar que o número de sermões pregados na igreja de Nossa Senhora do Loreto de Lisboa relacionados com os sumos pontífices foi escasso e limitado aos séculos XVII e XVIII. Dois foram proferidos por ocasião das eleições de Clemente XIII e de Bento XIV e outros dois pelas exéquias de Inocêncio XI e de Inocêncio XII. Encontrou-se ainda um sermão de ação de graças, impresso em 1711, para celebrar o bom regresso a Roma por parte do cardeal de Conti. Este sermão foi pregado por frei Francisco de Brito, um eremita de Santo Agostinho, e oferecido ao próprio, isto é, ao nuncio em Lisboa entre 1698 e 1706, Michelangelo Conti (1655-1724), que, em 1721, ostentará a coroa papal sob o título de Inocêncio XIII. Limita-se a agradecer a Nossa Senhora do Loreto a boa viagem de regresso a Roma, sem referências a nenhum pontífice (Brito 1711).

**Quadro** – Sermões impressos pregados pelos Sumos Pontífices na Igreja de Nossa Senhora do Loreto

Pregador	Frade	Data da publicação	Ocasião	Tamanho
Fr. Francisco da Natividade	Carmelita	1689	Exéquias de Inocêncio XI	32 pp.
D. Gaspar da Encarnação	Agostinho	1706	Exéquias de Inocêncio XII	58 pp.
Fr. Joaquim de Santa Ana	Paulino	1711	Eleição de Clemente XIII	30 pp.
D. Caetano Gouveia	?	1740	Eleição de Bento XIV	22 pp.

O carmelita frei Francisco da Natividade (1648-1714) foi autor do sermão pregado no Loreto por ocasião do falecimento do Papa Inocêncio XI. Ofereceu-o a D. Livio Odescalchi (1655-1713), sobrinho do falecido e importante colecionador de antiguidades romanas. À pregação esteve presente o nuncio em Lisboa, Francesco Niccolini. Frei Francisco da Natividade realçou que a morte era justa na igualdade, não perdoando a ninguém. Em seguida, comparou Inocêncio XI a São Pedro, salientando que ambos haviam sido sustentáculos da Igreja (Natividade 1689: 12), e também o comparou com o rei David, com Jó e com o profeta Ezequiel, para elucidar os ouvintes acerca do zelo pela causa de Deus. Das atividades do pontífice realçou os cuidados para com os pobres e a construção de um hospital para soldados. Não deixou de enfatizar diversas outras qualidades, a saber: um homem justo, humilde – tendo demonstrado desapego da carne e do sangue –, inocente (no sentido de viver na verdadeira religião) e reto, cujo melhor epitáfio para o definir seria clemente.

A morte de Inocêncio XII (1615-1700) deu ensejo à oferta do sermão pregado no Loreto pelo cônego regular de Santo Agostinho D. Gaspar da

Encarnação, ao já referido nuncio Michelangelo Conti, futuro Papa Inocêncio XIII. Nesta peça parenética, o autor fez amplas menções quer à família de origem do pontífice quer aos cargos que o Papa desempenhou antes de ter ascendido à cadeira de São Pedro. Natural de Nápoles e membro da família Pignatelli, Antonio foi educado num colégio de jesuítas. Em Roma, foi referendário da assinatura da graça e da justiça. Posteriormente, foi vigário de Urbino, inquisidor de Malta, nuncio em Florença, Varsóvia e Viena, bispo de Lecce, secretário da congregação dos bispos, mestre de câmara do Papa, arcebispo de Nápoles, cardeal e, finalmente, Papa.

D. Gaspar da Encarnação considerou Inocêncio XII “um pontífice que só deixou aos futuros que imitar e não que exceder” (Encarnação 1706: 8). Entendeu que Antonio Pignatelli havia possuído os três tipos de bens que vulgarmente se designavam por fortuna, a saber, nascer ilustre, ocupar grandes cargos e fazer obras magníficas. Porém, tornou claro que o antigo Papa nascera bem mas “fez melhor o bem de ter nascido ilustre porque o fazer-se preclaro é sempre melhor que nascer soberano” (Encarnação 1706: 10), para continuar referindo que fora “ilustre em nascimento e mais ilustre nas obras com que um e outro fez esclarecida a sua origem” (Encarnação 1706: 12). A enumeração dos cargos e a ideia de que serviu a cinco Papas, isto é, Alexandre VII, Clemente IX, Clemente X, Inocêncio XI e Alexandre VIII, levou-o, em seguida, a tecer diversos elogios tais como “serviu a igreja e não se serviu dela” ou “do berço até ao sepulcro conservou sua santidade e seu património de que foram herdeiros os pobres e por conta dos bens próprios foram sempre as despesas da pessoa e dos lugares” (Encarnação 1706: 14-15), ressaltando a faceta de esmoler.

Como feitos relevantes durante o pontificado, D. Gaspar da Encarnação ressaltou as dádivas aplicadas na luta contra os infieis, a edificação de três hospícios (para órfãos, enfermos e pobres), a edificação do tribunal da cúria romana, as obras em Civitavechia e a escolha acertada dos cardeais. Por tudo isto, não se estranha que tenha comparado Inocêncio XII a São Pedro, mas também aos personagens bíblicos Abraão e Jacob, lembrando sempre os que têm fé. Rematou o seu elogio considerando que:

A mansidão sofredora dos trabalhos, a reta distribuição dos lugares, a piedosíssima paternal compaixão dos pobres, dos órfãos, dos enfermos, dos desamparados, virtudes que serão agora luz nas sombras da morte, porque foram sombras que seguiram tanta luz na vida (Encarnação 1706: 28).

As duas peças parenéticas em estudo abordaram alguns temas em comum, como seria de esperar. Assim, encontram-se reflexões sobre as biografias dos Papas, elogios às suas famílias de sangue, as principais realizações que levaram a cabo durante os seus pontificados e as qualidades que, como Papas, apresentaram. No caso de Inocêncio XI: os cuidados com o louvor a Deus e com os pobres, a par de qualidades como justo, humilde, inocente e reto. No caso de Inocêncio XII, o louvor a Deus, o facto de ter sido esmoler e justo foram as mais citadas. Foi ao fazer o elenco das qualidades dos chefes supremos da Igreja católica que a adjectivação se manifestou de forma mais significativa, ao mesmo tempo que se tornaram visíveis as qualidades que quem detinha o poder papal deveria possuir.

Nestas ocasiões era comum recorrer-se a construções de arte efémera para assinalar as exéquias dos Papas, tal como também acontecia com as pessoas reais<sup>13</sup>. Eram programas ornamentais nos quais se recorria a caveiras, a foices, a ossos, a relógios de areia e a inscrições latinas retiradas das Sagradas Escrituras, para lembrar a fragilidade da condição da vida humana<sup>14</sup>. Lamentavelmente, no arquivo da igreja de Nossa Senhora do Loreto, há informações desse teor mas para cerimónias envolvendo outros pontífices. Por exemplo, em 1740, pela morte de Clemente XII, os gastos importaram em mais de 60\$000 réis. Com esta quantia foram pagos os materiais, tais como gesso, cola, tinta e ouro, a par das jornas de seis oficiais e de seis dias de trabalho do pintor Carlo Antonio Leoni, estes no valor de 7\$200 réis. Caetano de Sousa e Carias recebeu 30\$000 réis por armar a igreja com panos (ANSL, ISSIL, HI, Mç Ca II D, doc. 26).

O florentino Carlo Antonio Leoni (c. 1745-1774) foi um retratista da família real portuguesa, pintor de vitrais e desenhador que atuou quer em Lisboa quer no Norte do país, designadamente no Porto e em Braga (Oliveira 1996). A sua passagem ao serviço de Nossa Senhora do Loreto não terá deixado a melhor das impressões pois, em 1740, exatamente após ter realizado a pintura do funeral do pontífice, o mordomo da irmandade do Santíssimo Sacramento daquela casa religiosa não deixou de registar um comentário pouco abonatório<sup>15</sup>:

<sup>13</sup> Sobre a arte efémera em Portugal, em especial ligada à Casa Real portuguesa, cf. o catálogo *Arte Efémera em Portugal* 2000.

<sup>14</sup> A bibliografia sobre esta matéria é vasta, cf. Tedim 1989, 1990, 1991, 2000; Alves 2001, 2001<sup>a</sup>; Milheiro 2003:187-195, 237-263; Lourenço 2003; Oliveira 2008.

<sup>15</sup> Não obstante, em 1743, voltou a prestar serviço na igreja, desta feita na qualidade de arquiteto. Cf. Serrão 2018: 161.

visto a teima dezarrezoada deste pintor Carlo António Leão em se não contentar com as quatro moedas que se lhe mandavam dar por pagamento para evitar suas importunações ainda que não tivesse sido julgado não merecer duas pela pouca obra que fez em que gastou muitos dias em damno da igreja do que podia ser feito em hum so (ANSL, ISSIL, HI, Mç Ca II D, doc. 26).

Numa outra cerimónia, desta feita por ocasião do passamento do Papa Clemente XIV, em 1774, as despesas com os músicos e os cantores importaram em cerca de 75\$000 réis, distribuídos entre 32 pessoas que cantaram e assistiram ao ofício (ANSL, ISSIL, HI, Mç Ca II G, doc. 5) e um número não identificado de músicos que recebeu 64\$200 réis (ANSL, ISSIL, HI, Mç Ca II G, doc. 6).

Mais tarde, em 1799, a morte de Pio VI, em Valence-sur-Rhône, na condição de prisioneiro de Napoleão, depois de se ter recusado a renunciar ao poder temporal<sup>16</sup>, levou D. João, príncipe regente, a conceder uma audiência ao nuncio no palácio de Queluz, a declarar luto durante um mês e a encerrar-se com a princesa D. Carlota Joaquina, durante três dias (*Suplemente à Gazeta de Lisboa*, 39, 27-09-1799). A nação italiana residente em Lisboa encarregou o arquiteto e pintor romano Vincenzo Mazzoneschi (1747-1806), então a viver na capital portuguesa e a trabalhar no teatro de São Carlos, depois de ter regressado do teatro de São João do Porto (Arnal Ferrándiz 2015: 58), a organizar a função fúnebre no Loreto. Sabe-se que no fundo da igreja foi erigido um coreto onde se instalaram os cantores e os instrumentistas. O arquiteto fez preparar armações de luto guarnecidas com galões de ouro, cobrir os dois púlpitos com figuras de vários anjos que sustentaram inscrições alusivas ao Papa defunto, construir um monumento de pedra em honra de Pio VI e preparar um mausoléu adornado. À função, realizada a 2 de dezembro, assistiram D. João, príncipe regente e D. Carlota Joaquina os quais “mostraram a maior edificação a todos os concorrentes e deram os mais vivos sinais de sentimento pela morte de um pastor tão exemplar” (*Exéquias... 1800*: p. ñ. num.), bem como o cardeal patriarca, diversos bispos, o corpo diplomático, os grandes do Reino e diversos outros nobres.

Da função de exéquias de Pio VI, nascido Giovanni Angelo Braschi, não se encontrou o sermão pregado na igreja de Nossa Senhora do Loreto, a cargo do reverendo padre mestre doutor frei José Maria, religioso da congregação

---

<sup>16</sup> Na *Gazeta de Lisboa* pode ser lida a notícia da morte e das cerimónias fúnebres do Papa realizadas em várias partes da Europa. Cf. *Suplemento à Gazeta de Lisboa*, 38, 29-09-1799; *Segundo Suplemento à Gazeta de Lisboa*, 43, 26-10-1799; *Segundo Suplemento à Gazeta de Lisboa*, 52, 28-12-1799.

de São Paulo. Sabe-se, porém, segundo fonte anónima, que a missa foi celebrada pelo núncio, monsenhor Bartolommeo Pacca (1756-1844), e que a oração fúnebre foi apreciada por ter sido “cheia de eloquência e erudição, que pelo seu merecimento a nação italiana determinou imprimir à sua custa” (*Exéquias... 1800*: p. ñ. num.). A música, uma composição do já falecido Niccolò Jommelli (1714-1774), que trabalhara em Portugal nos reinados de D. João V e de D. José I (Brito 1989: 39-51, *passim*), foi cantada por professores da capela do príncipe e por Girolamo Crescentini (1726-1846), um *castrato* que atuou em Portugal, no teatro e também na capela real e na patriarcal. Sobre este, a mesma fonte anónima foi clara ao elogiar o cantor: “soube bem mostrar que o seu talento não era só para o teatro, mas também para os templos e tanto para as funções festivas como fúnebres, levando consigo outros cantores do real teatro de São Carlos” (*Exéquias... 1800*: p. ñ. num.).

Monsenhor Bartolommeo Pacca, núncio em Portugal de 1794 a 1808, não deixou de referir estes acontecimentos nas suas memórias, considerando que, no Loreto, a função das exéquias papais fora feita “com pompa veramente straordinaria”. Sobre a sua atuação propriamente dita, recordou que “Io cantai la messa assistito da quattro vescovi per le consueute assoluzioni, e vi su su l’elogio funebre in lingua portoghese” (Pacca 1836: 85).

Se a morte dos Papas era o momento em que fazia sentido proceder a um balanço dos pontificados, já a eleição dos chefes da Igreja permitia expressar desejos, que se assumiam como certezas, do que se poderia esperar do desempenho do cargo nos anos seguintes. Eis o que acontecerá nos sermões pregados pelas escolhas de Bento XIV e Clemente XIII, ambos eleitos ao fim de dois longos conclaves. De novo o elenco das qualidades pessoais e pastorais dos bispos à frente das suas dioceses permitiram perceberem a imagem ideal de um sumo pontífice.

A eleição de Bento XIV foi noticiada na *Gazeta de Lisboa Occidental* como uma “feliz notícia” (*Gazeta de Lisboa Occidental* 36, 08-09-1740), enquanto o clérigo regular D. Caetano Gouveia (1696-1768), no seu sermão pregado na igreja de Nossa Senhora do Loreto, teceu amplas referências à biografia do cardeal Prospero Lambertini, arcebispo de Bolonha (1675-1758). Por ela, fica a saber-se que frequentou o colégio Clementino, em Roma, onde se formou em teologia e em direito, ficando desse modo apto a desempenhar diversos cargos na cúria, dos quais se destacou o de secretário da Congregação do Concílio. Conhecedor e adepto da simplificação da legislação pós tridentina, o futuro Bento XIV trabalhou na congregação dos ritos e ascendeu a bispo de Teodósia, em 1724. Três anos depois, foi arcebispo de Ancona e, em 1728,

cardeal e arcebispo de Bolonha, a cidade onde nascera. Muito ativo enquanto reformador, de acordo com o espírito tridentino, e com ampla experiência pastoral, foi autor de diversas obras, tendo o autor do sermão destacado uma sobre as questões da canonização, *De servorum Dei beatificatione et beatorum canonizatione*, texto que resultou de uma longa maturação de ideias entre 1712 e 1721 (Saccenti 2011).

D. Caetano Gouveia fez questão de referir que o novo Papa era oriundo de uma das mais antigas e ilustres famílias bolonhesas, que integravam mesmo o senado (Gouveia 1740: 6). Porém, esclareceu de imediato que “a verdadeira glória não consiste nem no esplendor do nascimento, nem na abundância das riquezas mas na ciência e na erudição” (Gouveia 1740: 9). E essas qualidades não lhe faltavam, tendo ficado claras durante o desempenho das várias funções que servira. Referiu-se, em especial, à restauração do seminário de Bolonha, onde “buscou os mais peritos e ótimos mestres para nele ensinarem as virtudes, as ciências e os ritos sagrados à mocidade daquela diocese” (Gouveia 1740: 16). Consequentemente, poder-se-ia esperar um pontificado no qual reinaria a boa administração, gerida por um pastor sábio, prudente, vigilante e bendito, tal como o nome que escolhera (Gouveia 1740: 6, 18). Comparado ao rei David, mas também a Santo Agostinho e ao imperador Constantino, fazendo lembrar que ambos tinham nascido no mesmo dia, Bento XIV constituía uma esperança, sob a ótica da reforma, tal como acontecera na arquidiocese de onde vinha:

vereis o clero sábio e disciplinado, vereis no povo desterrados os vícios e abraçadas as virtudes, mais por efeito da santidade do seu exemplo, que da eficácia da sua doutrina, porque se com a voz arguia os erros e repreendia os vícios com a santidade da sua vida e com a pureza dos seus costumes persuadia o exercício de todas as virtudes (Gouveia 1740: 6).

Finalmente, frei Joaquim de Santa Ana (1720-1783), da Ordem de São Paulo, doutor pelas universidades de Coimbra e de Évora, qualificador do Santo Ofício, examinador das três ordens militares, académico da Academia Litúrgica Pontifícia de Coimbra<sup>17</sup> e secretário e cronista da Ordem de São Paulo, pregou um sermão acerca da escolha do novo pontífice, Clemente XIII, nascido Carlo della Torre-Razzonico, que dedicou ao secretário de

---

<sup>17</sup> Sobre esta instituição dedicada ao estudo da liturgia, cf. Cabecinhas 2010.

Estado dos Negócios do Reino, Sebastião José de Carvalho e Melo, o futuro marquês de Pombal. Antes, já a *Gazeta de Lisboa* noticiara que a eleição do novo sumo pontífice fora festejada em Lisboa com repiques e luminárias (*Gazeta de Lisboa*, 31, 03-08-1758).

A morte de Bento XIV deixara o “rebanho de Cristo sem pai, sem cabeça, sem pastor” (Santa Ana 1758: 2), durante 63 dias, até que o conclave elegeu o cardeal Carlo della Torre-Rezzonico (1693-1769), que governará os católicos sob o nome de Clemente XIII. Natural de Veneza nascera numa família de patrícios, estudara no colégio de São Francisco Xavier, em Bolonha, e formara-se na Universidade de Pádua. A sua carreira começou em 1716 como governador em Rieti, depois, em 1721, desempenhou iguais funções em Fano. Em 1723, tornou-se membro da Sacra Consulta e, em 1729, integrou a Sacra Rota, onde foi auditor. Em 1737, foi feito cardeal diácono sob o título de San Nicola in Carcere e nos anos seguintes foi membro de várias congregações: Sacro Concílio, Propaganda Fide, Visita Apostólica, Bispos e Regulares e Fábrica de São Pedro. Tornou-se bispo de Pádua, em 1743, e, finalmente, Papa, em 1758, depois de ter mudando de título: de San Nicola in Carcere (1737-1747) a Santa Maria in Ara Coeli (1747-1755) e, em seguida, a San Marco (1755-1758).

Como seria expectável, frei Joaquim de Santa Ana deu a conhecer ao auditório do Loreto e, mais tarde, aos leitores, o *curriculum* de Carlo della Torre-Rezzonico. Salientou as suas qualidades pastorais e pessoais, considerando-o zeloso da honra de Deus e da Igreja, digno, culto, virtuoso, inocente e combatente empenhado contra as heresias e os pecados. Alguém que “aspirava a constituir-se varão perfeito, esclarecido e benemérito” (Santa Ana 1758: 9). Os encómios foram no sentido de considerar que nascera “para oráculo do mundo e astro maior de toda a Igreja” (Santa Ana 1758: 10).

O pregador enalteceu a família de nascimento do recém-eleito chefe da Igreja católica e não escamoteou o enorme tempo para se ter concretizado a eleição, que justificou pregando “não são descuidos são mistérios, não são tardança mas providência” (Santa Ana 1758: 5), tanto mais que se tornou uma escolha feita “com vagar, com madureza e com ponderação e por isso com ilustração especial do Divino Espírito” (Santa Ana 1758: 6).

A obra realizada enquanto bispo de Pádua, em especial o empenho nas visitas pastorais, um dos mais relevantes mecanismos de disciplinamento e de controlo social da Época Moderna, bem como a restauração do seminário e a reforma do clero, levaram o pregador a compará-lo a Carlo Borromeo (1538-1584), arcebispo de Milão, canonizado por Paulo V em 1610, um

dos mais atuantes prelados na aplicação das diretrizes tridentinas<sup>18</sup>. Outras qualidades como o facto de ter sido um grande esmoler, de ter protegido órfãos e donzelas e de ter consulado os aflitos, sendo sempre um benemérito, foram aspetos igualmente salientados no discurso parenético.

De um bispo virtuoso – zeloso, culto, modesto, sóbrio, cumpridor, ... – restava esperar um sumo pontífice clemente, como a escolha do nome indiciava, mas também um grande chefe da Igreja: “que progressos não promete à Igreja católica um tão grande pastor! Que adiantamento terá a propagação da fé, que corte a heresia, que dissipação os vícios, que confusão os hereges, que reforma o clero, que proteção a virtude e que segurança o cristianismo” (Santa Ana 1758: 21). Para concluir ainda que “temos um pai, um pastor, um pontífice que nos ama como a filhos, guarda-nos como a ovelhas e intercede por nós como necessitados, fazendo como suas as nossas pretensões e sentindo como próprias as nossas misérias” (Santa Ana 1758:21).

3. Os sermões de exéquias patentearam as características dos defuntos, que apareceram sempre retratados como um modelo de virtudes. No caso da parenética relativa à morte dos sumos pontífices, as características apresentadas permitiram reflexões do âmbito da teoria política, tal como aconteceu com os sermões por morte dos monarcas, dos bispos ou dos inquisidores-gerais. Estamos perante textos laudatórios, exagerados e por vezes não isentos de imprecisões e de omissões<sup>19</sup>. O cuidado em louvar o defunto não raras vezes se sobrepõe à verdade. Mas, tal como na parenética relativa à família real<sup>20</sup>, as reflexões do âmbito da teoria política estiveram presentes sempre que se qualificaram as ações dos Papas. As características que estavam ou deveriam estar presentes nos chefes da Igreja católica, patenteadas pela sermonística – designadamente, e de entre outras, benevolência, caridade, força, gravidade, justiça, piedade, prudência, valor e vigilância – integravam o conjunto das qualidades que o Papa deveria possuir para bem governar a Igreja, o qual encontra paralelo nos textos de teoria política da Época Moderna, destinados aos futuros monarcas. Isto é, textos cujas fontes e modelos eram as Sagradas Escrituras, os autores clássicos e a tradição aristotélico-medieval, nos quais se procuravam evidenciar as qualidades necessárias ao bom governante, fazendo um elenco das virtudes e apresentando características pedagógicas e

<sup>18</sup> Sobre este antístite, cf. Zardin 2010.

<sup>19</sup> Sobre a oratória fúnebre em outros espaços europeus, cf., por exemplo, Allemanno 1968: 423-433, Petey-Girard 2006: 169-182, Shami 2011: 155-177.

<sup>20</sup> Sobre a parénese relativa à família real e às causas da Coroa portuguesa, cf. Marques 1986, Marques 1989, Cerdan 1992, Griné 1997, López-Salazar 2008, Braga 2015c, 2015d.

didáticas. São textos que apresentam uma forte correlação com as obras de carácter catequético (Soares 1994, Buescu 1996, Abreu 2000).

O bom rei a governar o seu reino para bem dos seus vassallos, o Papa à frente da cúria para extirpar as heresias, divulgar a palavra de Deus, reformar o clero e, em última instância, os fiéis, um exemplo a seguir por parte de todos os católicos. A parénese produzida por ocasião quer da morte quer da eleição papais referiu matérias que serviam os propósitos comuns na época, isto é, a condução dos povos no sentido desejado, fortalecendo a imagem da coroa pontifícia. A parenética era então um instrumento tradicional<sup>21</sup> entre outros que ganhavam cada vez mais terreno, pensemos nos panfletos e nas artes visuais, designadamente nos desenhos de alegorias.

## Fontes e Bibliografia

### Fontes manuscritas

Lisboa, Arquivo de Nossa Senhora do Loreto (ANSL)  
Irmandade do Santíssimo Sacramento da Igreja do Loreto, HI, MçCa II D, doc. 26.  
Irmandade do Santíssimo Sacramento da Igreja do Loreto, HI, MçCa II G, doc. 5.  
Irmandade do Santíssimo Sacramento da Igreja do Loreto, HI, MçCa II G, doc. 6.  
Irmandade do Santíssimo Sacramento da Igreja do Loreto, HI, MçCa II M, doc. 2.

### Fontes impressas

BRITO, Fr. Francisco de (1711). *Sermam de Aççam de graças à virgem Nossa Senhora de Loreto pelo bom successo da jornada, que com o seu favor conseguiu o eminentissimo senhor cardinal de Conti, indo desta corte de Portugal para a curia de Roma*. Lisboa: Oficina de Miguel Manescal.

ENCARNAÇÃO, D. Gaspar da (1706). *Oração fúnebre nas honras posthumas que dedicou a irmandade dos italianos da sua casa do Loreto às cinzas do santissimo padre Innocencio XII com huma deploração historial da vida, morte e exequias em metro latino a que se acrescentou humas reflexoens sobre as circunstancias mais especiaes no exaltação do santissimo Papa nosso senhor Clemente XI*. Coimbra: Oficina de António Simões.

*Exéquias Pio VI na Egreja do Loreto em Lisboa* (1800). Lisboa: Tipografia Nunesiana.

*Gazeta de Lisboa*, 31, 03-08-1758.

*Gazeta de Lisboa Occidental*, 36, 08-09-1740.

---

<sup>21</sup> Cf. as observações de Ihalainen 2011.

- GOUVEIA, D. Caetano (1740). *Oração em acção de graças pela felicissima exaltação ao trono do santissimo padre Benedicto XIV, celebrada na Igreja de Nossa Senhora do Loreto da nação italiana de Lisboa Occidental a 12 de setembro de 1740*. Lisboa Occidental: Oficina de António Isidoro da Fonseca.
- NATIVIDADE, Fr. Francisco da (1689). *Oraçam panegyrica e funeral em as exéquias do beatissimo padre Innocencio XI celebradas em o templo do Loreto desta cidade de Lisboa*. Lisboa: Oficina de Miguel Deslandes.
- PACCA, Bartolomeo (1836). *Notizie sul Portogallo con una breve relazione della nunziatura di Lisboaana dall'anno 1795 fino all'anno 1802*. 2.ª ed., Velletri: Domenico Ercole.
- SANTA ANA, Fr. Joaquim de (1758). *Oração gratulatoria, historica e panegyrica na acção de graças que na igreja do Loreto desta corte e cidade de Lisboa celebrou a nação italiana em 11 de agosto de 1758 pela exaltação ao pontificado do eminentissimo senhor cardeal Carlos Rezzonico, agora nosso santissimo padre e senhor Clemente XIII*. Lisboa: Oficina patriarcal de Francisco Luís Ameno.
- Suplemento à Gazeta de Lisboa*, 39, 27-09-1799.

## Estudos

- ABREU, Ilda Soares de (2000). *Simbolismo e ideário político: a educação ideal para o príncipe ideal Seiscentista*. Lisboa: Estar.
- ALESSANDRINI, Nunziatella (2007). “A alma italiana no coração de Lisboa: a igreja de Nossa Senhora do Loreto”. *Estudos Italianos em Portugal*, 2, 163-184.
- ALESSANDRINI, Nunziatella (2011). “Contributo alla Storia della Famiglia Giraldi, Mercanti Banchieri Fiorentini alla Corte di Lisbona nel XVI secolo”. *Studia Storiaca*, 3, 377-407.
- ALESSANDRINI, Nunziatella (2018a). “La Chiesa di Nostra Signora di Loreto: scrigno della memoria”. Carlo Pelliccia (dir.). *Mnemetopie: itinerari, luoghi e paesaggi della lingua portoghese e nelle culture lusofone*. Viterbo: Sette Città, 109-144.
- ALESSANDRINI, Nunziatella (2018b). “La Chiesa di Nostra Signora di Loreto e la nazione italiana di Lisbona (sec. XVI-XVIII)”, in ALESSANDRINI, Nunziatella; BARTOLOMEI, Teresa (dir.), *Chiesa di Nostra Signora di Loreto 1518-2018: una chiesa italiana in terra portoghese*. Lisboa: Fábrica da Igreja de Nossa Senhora do Loreto, 181-192.
- ALLEMANO, Romano (1968). *Oratori Sacri del Seicento. Antologia di Temi e di Motivi dell'Eloquenza Religiosa Barroca*. Turim: Tesi di Laura in Letteratura Italiana, Università degli Studi di Torino, Facoltà di Lettere e Filosofia.
- ALVES, J. J. B. F. (2001). “Cerimónias fúnebres no Porto por D. José (1761-1788), Príncipe do Brasil”. *Genealogia & Heráldica*. 5/6, I, 471-495.

- ALVES, J. J. B. F. (2001<sup>a</sup>). “Cerimónias fúnebres por D. Pedro III (1786)”. *Estudos em Homenagem a João Francisco Marques*, 1. Porto: Universidade do Porto, 439-455.
- AMBRAZI, Domenico (1996). “Panegirici e Panegiristi a Napoli tra Seicento e Settecento”, in MARTINA, Giacomo; DOVERE, Ugo (dir.), *La Predicazione in Italia dopo il Concilio di Trento tra Cinquecento e Settecento*. Roma: Edizioni Dehoniane, 347-389.
- ARDISSIMO, Erminia (2001). *Il Barroco e il Sacro. La Predicazione del Teatino Paolo Aresi tra Letteratura, Immagini e Scienza*. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana.
- ARNAL FERRÁNDIZ, Mariana (2015). *Luigi Manini (1848-1936) en el teatro de São Carlos de Lisboa, o un futuro incerto para la herancia de los Bibiena*. Madrid: Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Belas Artes da Universidade Complutense de Madrid.
- Arte Efêmera em Portugal* (2000). Coordenação de João Castel-Branco Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- ATAÍDE, M. Maia, Meco, José (1986). *A Igreja de Nossa Senhora do Loreto*. Lisboa: Embaixada de Itália, Instituto Italiano de Cultura.
- BERTINI, Giuseppe (1997). *Le Nozze di Alessandro Farnese: feste alle Corti di Lisbona e Bruxelles*. Milão: Skira.
- BERTINI, Giuseppe (1999). “L’ Entrata Solenne di Maria di Portigallo a Parma nel 1566”, *D. Maria de Portugal, Princesa de Parma (1565-1577) e o seu Tempo. As Relações Culturais entre Portugal e a Itália na segunda metade de Quinhentos*. Porto: Centro Interuniversitário de História da Espiritualidade, Instituto de Cultura Portuguesa, 69-84.
- BERTINI, Giuseppe (2000). “The Marriage of Alessandro Farnese and D. Maria of Portugal in 1565: Court Life in Lisbon and Parma”, in LOWE, K. J. P. (dir.), *Cultural links between Portugal and Italy in the Renaissance*. Oxford: Oxford University Press, 45-59.
- BERTINI, Giuseppe, Jordan, Annemarie (1999). *Il Guardaroba di una Principessa del Rinascimento. L’ Inventario di Maria di Portigallo, Sposa di Alessandro Farnese*, Parma: Il Cavaliere Azzuro, Guaraldi/ Gu.Fo.
- BOLZONI, Lina (1984). “Oratoria e Prediche”, in ROSA, Alberto Asor (dir.), *Letteratura Italiana*. Vol. 3, Turim: Einaudi, 1060-1070.
- BRAGA, Isabel Drumond, Braga, Paulo Drumond (2011). *Duas Rainhas em Tempo de Novos Equilíbrios Europeus. Maria Francisca Isabel de Saboia. Maria Sofia Isabel de Neuburg*, [Lisboa]: Círculo de Leitores.
- BRAGA, Isabel Drumond, Braga, Paulo Drumond (2017). “As Virtudes do Inquisidor Geral: os sermões de exéquias e a imagem dos dirigentes do Santo Ofício no século XVII”, in ASSIS, Angelo Adriano Faria de; MUNIZ, Pollyanna Gouveia de Mendonça; MATTOS, Yllan de (orgs.) (2017). *Um Historiador pelos seus pares: trajetórias de Ronaldo Vainfas*. São Paulo: Alameda, 23-41.
- BRAGA, Isabel M. R. Drumond (1998). “Os Estrangeiros e a Justiça Civil Portuguesa durante o século XVI (1521-1578)”, *Arquivos do Centro Cultural Calouste Gulbenkian*. 37. Lisboa, Paris, 333-365.

- BRAGA, Isabel M. R. Mendes Drumond (1996). “A Circulação e a Distribuição dos Produtos”, in DIAS, João José Alves (coord.), *Portugal do Renascimento à Crise Dinástica* (Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques (dir.). *Nova História de Portugal*. 5), Lisboa: Presença, 232-237.
- BRAGA, Isabel M. R. Mendes Drumond (2001). “As Realidades Culturais”, in MENESES, Avelino de Freitas de (coord.), *Portugal da Paz da Restauração ao Ouro do Brasil* (Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques (dir.) *Nova História de Portugal*. 7). Lisboa: Presença, 465-565.
- BRAGA, Isabel M. R. Mendes Drumond (2002). *Os Estrangeiros e a Inquisição Portuguesa (séculos XVI-XVII)*. Lisboa: Hugin Editores.
- BRAGA, Isabel M. R. Mendes Drumond (2012a). “D. Maria Francisca Isabel de Sabóia (1646-1683), Rainha de Portugal”, in RAVIOLA, Maria Antónia Lopes e de Blythe Alice (coord.), *Portugal e o Piemonte: a Casa Real Portuguesa e os Sabóias. Nove Séculos de Relações Dinásticas e Destinos Políticos (XII-XX)*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 167-210.
- BRAGA, Isabel M. R. Mendes Drumond (2012b). “Eloquência, Cativo e Glorificação. O Sermão de frei José de Santa Maria por ocasião do Resgate Geral de Cativos de 1655”, in DURAN, Maria Renata (coord.), *Triunfos da Eloquência Sermões Reunidos e Comentados 1656-1864*. Niterói: Editora da UFF, 11-40.
- BRAGA, Isabel M. R. Mendes Drumond (2013). “Parenética e profissão de religiosas em Seiscentos: a glorificação da vida fora do século”, *Opsis*, 13, 2, 419-447.
- BRAGA, Isabel M. R. Mendes Drumond (2015a). “Os Italianos e a Inquisição Portuguesa: os Homens, as Ideias e as Mercadorias (séculos XVI-XVII)”, in ALESSANDRINI, Nunziatella; MATEUS, Susana Bastos; RUSSO, Mariagrazia; SABATINI, Gaetano (org.). *Con Gran Mare e Fortuna. Circulação de Mercadorias, Pessoas e Ideias entre Portugal e Itália na Época Moderna*. Lisboa: Cátedra de Estudos Sefarditas «Alberto Benveniste» da Universidade de Lisboa, 179-195.
- BRAGA, Isabel M. R. Mendes Drumond (2015b). “Eloquência e Poder Político: o Púlpito Madeirense ao Serviço do Marquês de Pombal”, in FRANCO, José Eduardo; COSTA, João Paulo Oliveira e (dirs.), *Diocese do Funchal. A Primeira Diocese Global. História, Cultura e Espiritualidades.1*, Funchal: Diocese do Funchal, 503-515.
- BRAGA, Isabel M. R. Mendes Drumond (2015c). “A Parenética Franciscana ao Serviço da Monarquia por Ocasião do Nascimento de D. Maria Teresa de Bragança (1793)”, *Paralellus*, 6,12, 119-138.
- BRAGA, Isabel M. R. Mendes Drumond (2015d). “Chorar uma Rainha em Portugal e no Brasil: os Sermões por Ocasião da Morte de D. Maria I”, *Anais do I Congresso Lusófono de Ciência das Religiões – Religiões e Espiritualidades, Culturas e Identidades*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas.
- BRAGA, Paulo Drumond (1997). *A Inquisição nos Açores*. Ponta Delgada: Instituto

Cultural de Ponta Delgada.

- BRAGA, Paulo Drumond (2015). “Ataques às heresias e defesa da Inquisição. Sermões em honra de S. Pedro Mártir (Séculos XVII-XVIII)”, *Anais do I Congresso Lusófono de Ciência das Religiões – Religiões e Espiritualidades, Culturas e Identidades*, 3. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, 26-37.
- BRAGA, Paulo Drumond (2017). “Sermões setecentistas portugueses de autos-da-fé”. *LisbrodelaCorte.es* [em linha]. 6. 223-232. [disponível em <https://revistas.uam.es/librosdelacorte/issue/viewIssue/745/412>].
- BRAMBILLA, Elena (2006). *La Giustizia Intolerante. Inquisizione e Tribunali Confessionali in Europa (secoli IV-XVIII)*. Roma: Carocci Editore.
- BRITO, Manuel Carlos de (1989). *Opera in the Portugal Eighteenth century*. Cambridge: Cambridge University Press.
- BUESCU, Ana Isabel (2012). “A Infanta Beatriz de Portugal e o seu Casamento na Casa de Sabóia (1504-1521)”, in LOPES, Maria Antónia; RAVIOLA, Alice (coord.). *Portugal e o Piemonte: a Casa Real Portuguesa e os Sabóias. Nove Séculos de Relações Dinásticas e Destinos Políticos (XII-XX)*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 51-100.
- BUESCU, Ana Isabel (1996). *Imagens do príncipe: discurso normativo e representação (1525-49)*. Lisboa: Cosmos.
- CABECINHAS, Carlos (2010). “A ciência litúrgica como disciplina universitária: Manuel de Azevedo S.J. (1713-1796) e as primeiras cátedras de ciência litúrgica”, *Didaskalia*. Lisboa, 40, 2, 113-133.
- CARDINI, Franco (1991). “I Fiorentini e l’espansione europea”, *Mare liberum*, 2, 31-36.
- CASTRO, Aníbal Pinto de (2008, 2.ª ed.). *Retórica e teorização literária em Portugal do humanismo ao neoclassicismo*. Lisboa: INCM.
- CASTRO, José de (1939). *Portugal em Roma*. 1. Lisboa: União Gráfica.
- CERDAN, Francis (1992). “L’Oraison Funébre du Roi Phillippe II de Portugal (Philippe III d’Espagne) par Frei Baltasar Paez en 1621”, *Arquivos do Centro Cultural Português*, 31, Lisboa, Paris, 151-170.
- CLARETTA GAUDENZIO (1863). *Notizie Storiche Intorno alla Vita et al Tempi di Beatrice di Portogallo, Duchessa de Savoia*, Turim, [s.n.]
- CÔRTE-REAL, Manuel (1997). “As Alianças Matrimoniais dos Filhos de D. Afonso Henriques na Política Externa Portuguesa”, *Actas do 2.º Congresso Histórico de Guimarães*. 2 Guimarães: Câmara Municipal de Guimarães, Universidade do Minho, [1997], 447-454.
- DI FILIPPO, Claudia (2008). “Pastorale Tridentina ed Educazione degli Adulti nelle Zone Retiche e Ticinesi all’Epoca di Carlo Borromeo”, in BAGLIANI, Agostino Paravicini; RIGOSO, Antonio (dirs.), *La Comunicazione del Sacro (secoli IX-XVIII)*. Roma: Herder, 309-348.

- ERCOLE, Francesco (1940). “Mafalda di Savoia Prima Regina di Portogallo”, *Relazioni Storiche fra l’ Italia e il Portogallo. Memorie e documenti*. Roma: Reale Accademia d’Italia, 87-89.
- FARDILHA, Luís F. de Sá (1999). “A Celebração Poética em Portugal do Casamento de Maria e Alexandre”, *D. Maria de Portugal, Princesa de Parma (1565-1577) e o seu Tempo. As Relações Culturais entre Portugal e a Itália na segunda metade de Quinhentos*. Porto: Centro Interuniversitário de História da Espiritualidade, Instituto de Cultura Portuguesa, 29-48.
- FILIPPI, Sergio (2013). *La Chiesa degli Italiani: cinque secoli di presenza italiana a Lisbona nell’archivio della Chiesa di Nostra Signora di Loreto*. Lisboa: Fábrica da Igreja de Nossa Senhora do Loreto.
- FONSECA, Luís Adão da (1989). “Alguns contributos acerca das relações comerciais e marítimas de Portugal com Génova na Baixa Idade Média”, *Congresso Internacional Bartolomeu Dias e a sua Época*. 3, Porto: Universidade do Porto, Comissão Nacional para a Comemoração dos Descobrimentos Portugueses, 635-644.
- GRINÉ, Euclides dos Santos (1997). *A Construção da Imagem Pública do Rei e da Família Real em Tempo de Luto (1649-1709)*. Coimbra: Dissertação de Mestrado em História Moderna apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- Igreja do Loreto* (1957). Lisboa, Porto: Tipografia a Desportiva.
- IHALAINEN, Pasi (2011). “The Political Sermon in an Age of Party Strife, 1700-1720: Contributions to the Conflict”, in McCULLOUGH, Peter; ADLINGTON, Hugh; RHATIGAN, Emma (dir.), *The Oxford Handbook of the Early Modern Sermon*. Oxford: Oxford University Press, 495-513.
- JORDAN, Annemarie (2000). “A Masterpiece of Indo-Portuguese Art: the Mounted Rhinoceros Cup of Maria of Portugal, Princess of Parma”, *Oriental Arts*, 46, 3. 48-58.
- LÓPEZ-SALAZAR, Ana Isabel (2008). “May de Lisboa e dos Portuguezes Todos. Imagens de Reinas en el Portugal de los Felipes”, *Las Relaciones Discretas entre las Monarquias Hispana y Portuguesa: La Casa de Las Reinas (siglos XV-XIX)*. 3. Madrid: Polifemo, 1749-1776.
- LOURENÇO, M. P. M. (2003). “Morte e Exéquias das Rainhas de Portugal (1640-1754)”, *Actas do II Congresso Internacional do Barroco*. Porto: Universidade do Porto, 579-591.
- MARQUES, A. H. de Oliveira (1987). Joel Serão e A. H. de Oliveira Marques (dir.). *Portugal na Crise dos séculos XIV a XV (Nova História de Portugal*. 4), Lisboa: Presença. 40-44.
- MARQUES, João Francisco (1986). *A Parenética Portuguesa e a Dominação Filipina*. Porto: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- MARQUES, João Francisco (1989). *A Parenética Portuguesa e a Restauração (1640-1668)*. 2 v. Porto: Instituto Nacional de Investigação Científica.

- MARQUES, João Francisco (1998). “Lisboa Religiosa na Segunda Metade do século XVII”, *Bento Coelho e a Cultura do seu Tempo. 1620-1708*. Lisboa: Ministério da Cultura, Instituto Português do Património Arquitectónico, 139-169.
- MARQUES, João Francisco (2001). “Oratória Sacra ou Parenética”, in AZEVEDO, Carlos Moreira (dir.), *Dicionário de História Religiosa de Portugal*. vol. 4. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, Centro de Estudos de História Religiosa, 470-510.
- MARQUES, Maria Alegria Fernandes (2012). “Mafalda de Mouriana e Sabóia (1130/1133-1158)”, in LOPES, Maria Antónia; RAVIOLA, Alice (coords.), *Portugal e o Piemonte: a Casa Real Portuguesa e os Sabóias. Nove Séculos de Relações Dinásticas e Destinos Políticos (XII-XX)*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 15-50.
- MARQUES, Maria Alegria Fernandes (2012). “Mafalda de Mouriana”. *As Primeiras Rainhas. Mafalda de Mouriana. Dulce de Barcelona e Aragão. Urraca de Castela. Mecia Lopes de Haro. Beatriz Afonso*. Lisboa: Círculo de Leitores, 13-104.
- MENDES, Margarida Vieira (1989). *A Oratória Barroca de Vieira*, Lisboa, Caminho, 1989.
- MILHEIRO, M. M. de C. (2003). *A Cidade e a Festa no Século XVIII*. Guimarães: Núcleo de Estudos de População e Sociedade, Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho.
- MORENO, Humberto Baquero (1984), “Uma Carta do Cardeal Alpedrinha ao Príncipe D. João sobre a Situação Política da Itália de 1480”, *Revista de História*, 1, 195-204.
- OLIVEIRA, Aurélio de (1996). “Artista Italiano no Barroco Bracarense: o pintor Carlos António Leoni”, *Revista da Faculdade de Letras. História*, 2.<sup>a</sup> série, 13, 365-385. Disponível em <http://hdl.handle.net/10216/8602>.
- OLIVEIRA, Julieta Teixeira de (2000). *Veneza e Portugal no século XVI: subsídios para a sua História*. Lisboa: INCM.
- OLIWA, Dominika (2011). “Defending the Catholic Faith or Spreading Intolerance? The Sermon Delivered during the Auto-da-Fé in 17<sup>th</sup> century Portugal as an Example of Anti-Jewish Literature”, *Scripta Judaica Cracoviensia*, 10, 71-83.
- OLIVEIRA, R. P. de (2008). “Cerimónias Fúnebres por Inquisidores Gerais no século XVIII”, *Revista de Portugal*, 5, 21-30.
- PAIVA, José Pedro (2009). “Episcopado e Pregação no Portugal Moderno: Formas de Actuação e de Vigilância”, *Via Spiritus*, 16, 42-43.
- PALOMO, Federico (1997). “‘Disciplina Christiana’ Apuntes Historiográficos en torno a la Disciplina y el Disciplinamiento Social como Categorías de la Historia Religiosa de la Alta Edad Moderna”, *Cuadernos de Historia Moderna*, 18, 119-136.
- PALOMO, Federico (2006). *A Contra-Reforma em Portugal. 1540-1700*. Lisboa: Livros Horizonte.
- PEREIRA, Belmiro Fernandes (2012). *Retórica e eloquência em Portugal na Época do Renascimento*. Lisboa: INCM.

- PETHEY-GIRARD, Bruno (2006). “Parler des Morts, Parler de Soi. Remarques sur la Place du Sujet dans les Harangues Funèbres”, EICHEL-LOJKINE, Patricia (dir.), *De bonne vie s’ensuit bonne mort : récits de mort, récits de vie en Europe (XV<sup>e</sup>- XVII<sup>e</sup> siècle)*. Paris : Honoré Champion, 169-182.
- PIRES, Maria Lucília Gonçalves (1996). *Xadrez de Palavras. Estudos de Literatura Barroca*. Lisboa: Cosmos.
- PONTES, Maria de Lourdes Belchior (1953). *Frei António das Chagas: um homem e um estilo do século XVII*. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos.
- PONTES, Maria de Lourdes Belchior (1961). *A Oratória Sacra em Portugal no século XVII, segundo o Manuscrito 362 da Biblioteca Nacional de Lisboa*. Coimbra: [s.n.].
- PROSPERI, Adriano (1994). “Riforma Cattolica, Contrariforma, Disciplinamento Sociale”, in ROSA, Gabriele De; GREGORY, Tulio (dirs.), *L’Età Moderna*. Roma: Bari, Laterza, 3-48.
- PROSPERI, Adriano (1996). *Tribunali della Coscienza. Inquisitori, Confessori, Missionari*. Turim: Einaudi.
- RAU, Virgínia (1968). *Estudos de História: mercadores, mercadorias, pensamento económico*. Lisboa: Verbo.
- RAU, Virgínia (1971). “Bartolomeo di Iacopo di ser Vanni mercador-banqueiro florentino ‘estante’ em Lisboa nos meados do século XV”, *Do tempo e da história*, 4, 97-117.
- RAU, Virgínia (1973). *Portugal e o Mediterrâneo no século XV: alguns aspectos diplomáticos e económicos das relações com a Itália*. Lisboa. Centro de Estudos da Marinha.
- RAU, Virgínia (1984). *Estudos sobre História Económica e Social do Antigo Regime*. Lisboa: Presença.
- REINHARD, Wolfgang (1994). “Disciplinamento Sociale, Confessionalizzazione, Modernizzazione. Un Discorso Storiografico”, in PRODI, Paolo; PENUTI, Carla (coords.), *Disciplina dell’Anima, Disciplina del Corpo e Disciplina della Società tra Medioevo ad Età Moderna*. Bolonha: Società Editrice Il Mulino, 101-123.
- ROSÁRIO, Francisco Morais do (1983). *Privilégios dos Genoveses em Portugal*. Lisboa: [s.n.].
- RUSSO, Mariagrazia (2012). “Relações Interculturais Luso-Italianas no século XVI através da Nunciatura Apostólica de Lisboa”, in ALESSANDRINI, Nunziatella; RUSSO, Mariagrazia; SABATINI, Gaetano; VIOLA, Antonella (orgs.), *Di Buon Affetto e Commercio. Relações Luso-Italianas na Idade Moderna*. Lisboa: CHAM, 41-68.
- SACCENTTI, Riccardo (2011). “Il De Servorum Dei beatificatione et beatorum canonizatione di Prospero Lambertini, papa Benedetto XIV: materiali per una ricerca”, in FATTORI, Maria Teresa (dir.), *Le fatiche di Benedetto XIV: saggi sulla trattadistica di Papa Lambertini*. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 121-152.
- SANTOS, Maria José Azevedo (1994). “As relações entre Portugal e a Itália no século XV”. *Álvares Pires de Évora: um pintor português na Itália do quattroceto*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.

- SÃO PAYO, Conde de (1930). *Os que foram para Sabóia com a Infanta Duquesa*. Lisboa: [s.n.].
- SCHILLING, Heinz (1994). “Chiese Confessionali e Disciplinamento Sociale. Un Bilancio Provvisorio della Ricerca Storica”, PRODI, Paolo; PENUTI, Carla (coords.), *Disciplina dell’Anima, Disciplina del Corpo e Disciplina della Società tra Medioevo ad Età Moderna*. Bolonha: Società Editrice Il Mulino, 125-160.
- SCHILLING, Heinz (2007). “L’Europa delle Chiese e delle Confessioni”, VISCEGLIA, Maria Antonietta (dir.), *La Radici Storiche dell’ Europa. L’Età Moderna*. Roma:Viella, 69-81.
- SCHULZE, Winfried (1992). “Il Concetto di ‘Disciplinamento Sociale nella prima Età Moderna’ Gerhard Oestreich”, *Annali dell’Istituto Storico Ítalo-Germanico in Trento*, 18, 371-411.
- SERRÃO, Vítor (2018). “A pintura antiga na igreja de Nossa Senhora do Loreto”, *Chiesa di Nostra Signora di Loreto 1518-2018: una chiesa italiana in terra portoghese*. Lisboa: Fábrica da Igreja de Nossa Senhora do Loreto, 147-180.
- SHAMI, Jeanne (2011). “Women and Sermons”, in McCULLOUGH, Peter; ADLINGTON, Hugh; RHATIGAN, Emma (dirs.), *The Oxford Handbook of the Early Modern Sermon*. Oxford: Oxford University Press, 155-177.
- SOARES, Nair de Nazaré Castro (1994). *O Príncipe ideal no século XVI e a obra de D. Jerónimo Osório*. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- TEDIM, J. M. (1989). “Teatro da Morte e da Glória. Representações Fúnebres nas Exéquias de D. João V na Sé de Braga”, *Revista de Ciências Históricas*, 4, 281-292.
- TEDIM, J. M. (1990). “Festas Barrocas no Brasil Colonial. Exéquias de D. João V em S. Salvador da Baía e S. João d’El-Rei”, *Relaciones artísticas entre la Península Ibérica y América. Actas del V Simposio Hispano-Portugués de Historia del Arte*, Valladolid, 273-276.
- TEDIM, J. M. (1991). “Carlo Fontana e as Exéquias de D. Pedro II na Igreja de Santo António dos Portugueses em Roma”, *I Congresso Internacional do Barroco: actas*. 2. Porto: Reitoria da Universidade do Porto, Governo Civil do Porto, 503-518.
- TEDIM, J. M. (2000). “Aparatos Fúnebres, Ecos Saudosos nas Exéquias de D. Pedro II e D. João V”, *Arte Efémera em Portugal*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000, 237-279.
- VERLINDEN, Charles (1957). “La colonie Italienne de Lisbonne et le développement de l’économie métropolitaine et coloniale portugaise”, *Studi in Onore di Armando Saporì*. Milão: Istituto Editoriale Cisalpino, 615-628.
- VITERBO, Sousa (1908). “Do Dote de D. Beatriz de Portugal, Duquesa de Sabóia”, *Arquivo Historico Portuguez*, 6, 118-120.
- WRIGHT, A. D. (2000). “The Interaction of the Portuguese and Italian Churches in the Counter-Reformation”, in LOWE, K. J. P. (dir.), *Cultural links between Portugal and Italy in the Renaissance*. Oxford: Oxford University Press, 61-74.
- ZARDIN, D. (2010). *Carlo Borromeo: cultura, santità, governo*. Milano: Vita e Pensiero.

